

MIRO TEIXEIRA \*

Resta saber como o presidente eleito Fernando Henrique Cardoso vai conviver com seu principal adversário, ele mesmo, quando começar a ser contrariado pela própria equipe e pela oposição, depois que cessar a lua-de-mel da expectativa do poder.

Até agora, Fernando Henrique tem-se dedicado a saborear estes momentos em que a corte, a mesma de sempre com pequenas alterações, enaltece suas qualidades pessoais, que são inúmeras e ele, melhor do que ninguém, o sabe.

Estas são as situações aparentes. Na intimidade, alguns velhos assessores já experimentam as agruras do estilo Fernando presidente, duro e pragmático, a ponto de se preparar para o exercício do rolo compressor que tantas vezes censurou nos governos a que, sistematicamente, se opôs ao longo dos anos.

A composição de sólida maioria aritmética na Câmara dos Deputados revela a disposição de impor pontos de vista com poucas discussões ou, na melhor das hipóteses, com as discussões travadas em um plano de absoluta superioridade material.

O perfil dos interlocutores designados para comandar as reformas também traz suas revelações, a começar pelo senador Marco Maciel, temível articulador cuja maleabilidade sempre o

manteve alinhado ao governo, qualquer que fosse.

Serão as iniciativas previsíveis, sem grandes novidades, muitas delas tentadas e fracassadas na revisão constitucional em que estiveram empenhadas as mesmas personagens e outras, em torno das quais há consenso, como a reforma tributária e o novo pacto federativo.

Na categoria de polêmicas, a flexibilização dos monopólios do petróleo e das telecomunicações. Quem acha que o Brasil não precisa de novidades está diante de um prato cheio.

Talvez por isso não estejamos vivendo um clima de posse. Não há festas, explosões de alegria, grandes protestos da oposição, nada parecido com a eleição de Tancredo ou a posse de Itamar. E só agora os *smokings* começam a ser desencalhados das lojas de aluguéis.

Novidade mesmo é o Fernando Henrique acreditar que rolo compressor funciona. Nos primeiros momentos, o rolo compressor é absolutamente dispensável, já que o crédito ao presidente eleito conduz a uma situação de tregua da oposição. Mas se a popularidade do presidente definha, a federação de interesses que em torno dele se organiza se desfaz. Sem novidades, que o diga Collor de Mello.

A luta por um Congresso independente tem esbarrado, por incrível que possa parecer, na interferência velada de Fernando Henrique,

que, pela biografia e compromisso com a coisa pública, tinha o dever de saber que ele é o principal interessado em inaugurar uma época nova, na relação entre os Poderes Executivo e Legislativo.

O grande número de abstenções e votos brancos e nulos nas últimas eleições é reflexo da percepção popular de que o Congresso não tem alcançado seus objetivos e a causa é a submissão ao Executivo, sempre comandada pelos interesses deploráveis de uma cultura política repelida pelos contribuintes.

A pauta das negociações inclui liberações de financiamentos a grupos privados, aumento dos recursos destinados a hospitais conveniados, nomeações para a Sudene ou o BNDES. Difícilmente se transige em nome do interesse público.

A biografia de Fernando Henrique nada tem a ver com essa cultura e, muito menos, com as alianças que ele ensaia nos primeiros passos da organização de suas relações com o Parlamento. Daí o grande conflito do Fernando-presidente com o Fernando da biografia.

Os dois adversários terão um ano bastante duro e vamos esperar que a convicção prevaleça sobre as facilidades do convívio com subservientes. Aí estaremos diante de uma grande novidade.